

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/pdn7fv27>

## O panóptico da EJA na Escola Contemporânea

Poliana Coelho dos Santos<sup>1</sup>

Os aspectos que caracterizam o universo escolar, e isso vale para as observações da escola nos mais distintos espaços históricos e temporais, incluindo a Contemporaneidade, moldam a realidade cotidiana da instituição educacional pela autoridade, reconhecendo-se que, mesmo considerados a razão da escola, os alunos convivem com duas referências imediatas de poder que se impõe acima deles: o núcleo gestor e os professores.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito, Licenciada em Filosofia, Especialista no Ensino de Sociologia no Ensino Médio, Mestranda do PROF-FILO/IF SERTÃOPE-Zona Rural; Professora celetista no Estado do Piauí. E-mail: [polianacoelho39@hotmail.com](mailto:polianacoelho39@hotmail.com)

No sistema educacional são destacados pela junção da ideia do panóptico com as dificuldades da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essas questões, que frequentemente exacerbam as injustiças e comprometem o potencial emancipatório da educação, têm a ver com o controle, a vigilância e os obstáculos encontrados pelos alunos adultos.

A problematização do ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) relacionada ao conceito de panóptico envolve a reflexão sobre como o sistema educacional contemporâneo exerce controle e vigilância sobre os estudantes. Essa vigilância, muitas vezes implícita, impacta diretamente as práticas pedagógicas, a autonomia dos sujeitos e a construção de uma educação emancipatória.

O poder enquanto autoridade, controle e repressão, seja em que instituição ele se expresse dessa forma, também implica o adestramento humano, a partir do qual se formaliza um sistema de subordinação, cujos sujeitos debaixo dessa sujeição ficam sob vigilância ininterrupta e têm que se adequar passivamente ao *modus operandi* da repartição em que se encontram.

Essa forma de expressão do poder é muito presente nas prisões e nas instituições educacionais que veem no rigor a maneira de formar os seus estudantes no que elas se propõem (Araújo *et al.*, 2016).

Com esses vieses de submissão foi que se criou o panóptico, bem criticado por Michel Foucault no seu livro *Vigiar e punir: nascimento*

Re(senhas)

da prisão, mas que aspectos dessa prisão literal se inserem metaforicamente em outras representações sociais, das quais a escola faz parte, onde controle, educação, imposição e vigilância fazem uma parceria decisiva na organização da rotina da instituição.

A propósito, as discussões elaboradas por Michel Foucault em relação à sociedade disciplinar que se efetiva nos espaços panópticos de vigilância lançam luz sobre os jogos de força que se configuram na trama social [...]. Não nos propomos expor e analisar os problemas contidos em cada uma dessas aparentes novidades conceituais. Centramos a investigação na obra de Foucault e indicamos que conceber o panóptico como paradigma que abriga modificações ao longo do tempo permite inscrevê-lo como produto e produtor de novas condições históricas de captura dos corpos de parte da população, em geral, negra, pobre, periférica. As práticas de encarceramento, de tortura, de controle e de distribuição dos corpos no espaço da cidade e da vida não se separam das estratégias de captura no nível populacional. Ao contrário, elas se co-engendram, se completam e se reproduzem nas malhas sociais da nossa sociedade (Santos; Portugal, 2019, p. 36).

Em uma visão político-social da aplicação do panóptico como instrumento com que por distintos momentos da história humana se organizaram os grupos sociais, os autores reconhecem mais um pretexto de desigualdades e de marginalizações, sob a especificidade de quem já detém um histórico adverso nos aspectos da dignidade e da igualdade étnico-social, nos exemplos dos negros, dos pobres e dos que

Re(senhas)

já vivem à margem dos direitos e das assistências que se prestam a outros grupos.

A EJA é uma modalidade educacional com organizações mais específicas, uma vez comparada com o sistema regular de educação, mas ainda assim é componente de uma política de ensino-aprendizagem dentro de um espaço escolar, pressupondo regras de comportamento dos que fazem as suas atividades, que sejam os gestores, os docentes, os estudantes e os demais funcionários, todos seguindo ordens, ainda que em uma relativização do poder, visto que cada qual se manifesta ao entender que possui sobre educação, ensino e escola.

Para Roseiro e Carvalho (2022), há em Michel Foucault uma visão negativa do ambiente escolar elaborado para imposições de autoridades e de enquadramento dos seus personagens numa submissão ao poder-autoridade que faz com que esse espaço institucionalmente educacional se assemelhe a uma prisão, reafirmando o que o pensador francês escrevera em *Vigiar e punir: nascimento da prisão*.

Ocorre que na interpretação foucaultiana da escola-prisão os educandos têm uma rotina de preparação para uma sociedade-prisão, para uma vivência repressora, em que os reprimidos levam a vida sob a passividade do acatamento de ordens, o que se configura numa péssima impressão de uma repartição edificada para educar para a autonomia crítica e para a liberdade de manifestação, numa formação além-obediência às ordens e além-reconhecimento de quem detém o saber-poder, mas numa perspectiva melhormente alinhada à

Re(senhas)

LDB/1996, do preparo para o trabalho, que seja formativamente profissional, e para a vida civilizada em sociedade.

Retomando-se a atenção ao panóptico, vale a pena o registro informativo de que “em seu livro ‘Vigiar e punir’, Foucault caracteriza o Panoptismo como um poder na forma de vigilância individual e contínua, com intuito de controle, castigo e recompensa, e também como forma de correção” (ARAÚJO et al., 2016, p. 33), exatamente os mecanismos gerenciais que se implantaram nas políticas de administrações escolares, até para a EJA/Ensino Médio, que se compõe de pessoas acima dos 18 anos de idade. E também:

Se o panóptico constitui uma ordenação visual do poder, entendemos que as recorrentes análises da visualidade na obra foucaultiana tornam este último um caso particular de uma reflexão mais ampla. Apesar de Foucault ter afirmado o fim da sociedade disciplinar (1978-1994), há traços de seu funcionamento em vigor nas sociedades modernas. [...] O poder instilado pela relação panóptica entre o olhar e a estrutura arquitetônica maximiza a vigilância que incide diretamente sobre um corpo na sua distribuição no espaço e torna as coisas visíveis, faz ver, ou seja, produz visibilidade. Há, portanto, emergência de um visível a partir da configuração espacial. Há também visibilidade nas análises foucaultianas das capturas populacionais, de raça, de gênero e de estratificação econômica e geossocial (Santos; Portugal, 2019, p. 36).

É a permanência do poder-autoritarismo e do poder-repressão, que não têm a ver com o saber-poder de Michel Foucault, mas se

Re(senhas)

aproximam do sistema de controle que estabelece a relação entre opressores e oprimidos, em que as pessoas passam a se comportar de acordo com o modelo de submissão, o que contraria a interpretação da própria LDB em vigor no sistema de educação do Brasil, cujo texto prega o aluno que desenvolve a autonomia, a criticidade, a intelectualidade e a sociabilidade.

A sociedade disciplinar, nos moldes analíticos de Foucault, não aceita pessoas que imponham resistências a quem detém autoridade, seja em que instituição e em que instância esteja o poder para essa hierarquização. Mesmo o poder sendo volátil no sentido dos personagens que estejam a usufruir dele, o autoritarismo que controla, que impõe e que vigia também provoca um embrutecimento do ser humano, fazendo com que o Panoptismo se afirme como o recurso de sustentação do sistema opressor.

Talvez se discutam as eliminações dos castigos e das punições em todos os setores da sociedade moderna por estratégias de educação social que pressuponha a civilidade, e a escola já está trabalhando isso em todas as suas modalidades. Mas os tempos contemporâneos intensificaram significativamente a vigilância sobre as pessoas, e a prisão de que fala Michel Foucault deixou de ser exclusividade do chão penitenciário e passou a fazer parte do cotidiano de toda a sociedade, na poética da segurança pública e do enfrentamento à violência que caracteriza a sociedade em um mundo avançado científica e tecnologicamente, mas inseguro e violento.

Re(senhas)

Nesse universo disciplinar, pouco se fala em ouvir os alunos, acompanhar as suas visões de mundo e compartilhar pontos de vista divergentes, a fim de que haja a atenção diligente sobre o pluralismo de ideias, diminuindo-se o controle e facultando-se autonomia e liberdade de manifestação do público-alvo da escola. Ao contrário, as modernizações da sociedade contemporânea não a libertou do poder-controle e do sistema de subordinação, onde a autoridade se confunde o tempo todo com imposição, com repressão e com vigilância, empurrando-se ordens de cima para baixo. Ademais

A escola, enquanto espaço a partir do qual é possível produzir enunciados e sujeitos, possui a potencialidade de estabelecer novas relações com o saber, a capacidade de intensificar as rupturas e operar a composição de novas áreas de subjetivação, diferentes daquelas que funcionam a partir de estratégias de disciplinarização, controle e da biopolítica. Essa abertura constitui-se por meio da produção de novas experiências entendidas como alguma coisa da qual se sai transformado (Bergamo; Ternes, 2015, p. 57).

Foucault compreendia a escola como agência além-princípios da formação intelectual e profissional dos alunos, referência de transformação social, ajustando às mudanças da disciplinarização para a educação que dialoga e que rompe com os mecanismos de controle e de dominação, não mais para jogos de poder entre os personagens que fazem a instituição educacional, mas para o desempenho cognitivo que

Re(senhas)

faça parte da vida dos estudantes no ambiente além dos limites predial-escolares.

Portanto, a educação na modalidade Jovens e Adultos (EJA), traz à tona uma reflexão sobre as instituições educacionais contemporâneas sobre o controle e vigilância na escola sobre os alunos. Vigilância que muitas vezes tem impactos direto nas práticas pedagógicas, na autonomia do professor e no desenvolvimento de um sistema educacional emancipatório.

**Palavras-chave:** Educação, Foucault, Filosofia, Panóptico.

## REFERÊNCIAS

BERGANO, Thelma Maria de Moura Bergamo; TERNES, José. Foucault e a modernidade: exigências para a educação. **Revista Inter-Ação**. v. 40. n. 1. p. 53-65. Goiânia, jan./abr./2015.

CARVALHO, Flávio José de. O ensino de filosofia entre Foucault e Deleuze: por uma pedagogia do conceito como proposta de resistência. **Arquivos do III Congresso Latino-Americano de Filosofia da Educação**. p. 1-12. Cidade do México, 2015.

CARVALHO, Flávio José de. Michel Foucault sobre a educação: uma visão preliminar teórica. **Revista Foco**. v.17. n.3. p. 1-20. Curitiba, 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

Re(senhas)



FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KOHAN, Omar Walter. Vigiar e punir: 40 anos de uma experiência de filosofia. In. CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Sílvio (Org.). **Repensar a educação: 40 anos de vigiar e punir**. Coleção Contextos da Ciência. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

SANTOS, Debora M.; SANTOS, Poliana C. Arqueologia e genealogia da vigilância e seus desdobramentos nas redes sociais e no ensino da Cultura Digital. **Cacto**. v. 3 n. 2 (2023). Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/858>

SANTOS, Rômulo B.; PORTUGAL, Francisco T. O panóptico e a economia visual moderna: do panoptismo ao paradigma panóptico na obra de Michel Foucault. **Psicologia Política**. vol. 19. n.º 44. pp. 34-49. jan. – abr. 2019, Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v19n44/v19n44a06.pdf>

SANTOS, Thácio. De Gaston Bachelard à Michel Foucault: Descontinuidade e questão antropológica. **Cacto**. v. 3 n. 1 (2023). Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/437>

MAIA, Nathália C. M. Experiência de Estágio e a Genealogia das Relações de Poder e Saber na Escola. **Cacto**. v. 3 n. 2 (2023). Disponível em: <https://revistas.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/698>

Re(senhas)

